

NOTAS SOBRE MOEDAS VISIGÓTICAS

I

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

De vez em quando continuam a aparecer pelo país trientes visigóticos, que vêm enriquecer a já numerosa série destas moedas encontradas nos últimos decénios.

Infelizmente, uma boa parte da recolha mantém-se inédita, com prejuízo para a história, por os colecionadores nem sempre facilitarem o estudo que dela se poderia fazer e publicar. Não se compreende esta atitude, pois o conhecimento das suas espécies só iria valorizá-las; e o facto redundaria também em benefício do proprietário.

Além de moedas, até agora desconhecidas, adiante descritas, chamaremos depois a atenção para outras duas que por qualquer forma há interesse em serem mais divulgadas do que já o foram, por terem sido reveladas em revistas ou livros de expansão restrita. As primeiras duas foram encontradas no Alentejo e no mesmo lugar do concelho de Serpa. Entre as outras duas, essas já publicadas, uma delas apareceu numas terras do concelho de Castelo de Vide e foi incluída por uma antiga aluna minha, actual proprietária do triente, na sua tese para licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa: ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Maria da Conceição Monteiro Rodrigues, *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Castelo de Vide*, vol. I, Lisboa, 1972, pág. 225 e 230, vol II, E, CXV, Fig. 1.

aguarda-se que este trabalho, pelos seus méritos, venha um dia a ser impresso.

Para melhor estudo dos trientes damos quatro fotografias de cada um deles, sendo duas com dimensões reais (anv. e rev.); as outras duas foram ampliadas, cerca de três vezes. Assim, poderemos estudar melhor os pormenores dos bustos, as letras das legendas, o aspecto da superfície livre do campo (rugoso ou liso), etc.).

MOEDAS INÉDITAS

TRIENTE DE EGICA E VITIZA E TRIENTE DE VITIZA

Como é sabido, Egica sucedeu no trono visigótico ao sogro, o rei Ervígio. No seu reinado, pouco longo (687-702), houve a princípio perseguições e lutas internas como era praticamente hábito na corte de Toledo; por outro lado, o rei também teve, mais tarde, que se percaver contra uma possível invasão árabe, muito favorecida pela colónia judaica da Península.

Para o auxiliar no trono e também, por outro lado, para garantir a sucessão ao filho, Egica mandou chamar para junto de si Vitiza, o seu primogénito; repetia o já sucedido anos antes, com Chindasvinto e Recesvinto (649-653).

Na data em que foi convidado para colega de seu pai, era Vitiza, Dux da Gallaecia; tinha residência em Tui. O facto deve-se ter dado por volta do ano 698. Foi depois designado rei em 700; os trientes foram mandados cunhar até então somente com a effigie de Egica; seguiu-se uma nova série onde figuram, conjuntamente, Egica e Vitiza (700-702).

Entretanto, Sunifredo, que se havia feito eleger rei por outra facção política, também cunhava moeda de que só é conhecido um único exemplar. Foi batido em Toledo: o rei tem na mão direita o ceptro, encimado pela cruz, tal como nos aparece Egica nalgumas moedas. Sunifredo governou, por seu lado, somente de 692 a 693.

A cunhagem de trientes com as effigies conjuntas do pai e do filho, de Egica e de Vitiza, foi igualmente de curta duração, pois começou em 700 e acabou em 702, com a morte de Egica.

Os trientes em que aparece somente Vitiza começaram, portanto, a ser batidos em 702. Os últimos serão de 710, data da morte do rei ou até, talvez, de pouco antes deste acontecimento. Nos oito anos do reinado de Vitiza o descalabro do reino acentuou-se gravemente; não faltaram revoltas e aumentaram as perspectivas de invasão árabe.

São dois os trientes inéditos, como já dissemos. Foram ambos encontrados há cerca de 20 anos, ao ser preparada uma terra para plantação de vinha, na chamada Herdade (ou Monte) da Pipa, situada na freguesia de Pias, concelho de Serpa. Os trabalhos agrícolas, ali levados a cabo, puseram a descoberto um cemitério visigótico, onde havia várias sepulturas. O espólio delas (cerâmicas, etc.), foi recolhido e enviado para o Museu de Beja, excepto os dois trientes.

Estas moedas estavam, cada uma, em sua sepultura. O proprietário da herdade guardou os trientes para si e legou-os a sua filha, com a condição de esta Senhora poder um dia desfazer-se deles desde que o produto da venda fosse aplicado em uma obra de assistência local: só assim seu pai ficaria bem com a sua consciência de católico, pois já lhe bastava o pesar de ter perturbado o socego e a paz dos que piedosamente haviam sido enterrados naquele cemitério.

As moedas foram bastante mais tarde adquiridas pelo Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, onde se encontram.

A primeira, cronologicamente, é um triente de Egica e Vitiza; foi cunhada em Ispalis (Sevilha). Está muito bem conservada, excepto na orla de onde desapareceu parte do relevo do círculo envolvente; isto, se é que efectivamente alguma vez teria estado marcado este lugar, pois as letras vizinhas na legenda, vêem-se intactas (E. I, Fig. 1 a 4).

Anverso — Os bustos dos dois reis, afrontados; entre eles, um grande bastão, encimado pela cruz patada.

Módulo — 1,9 cm.

Peso — 1,45 gr.

Legenda — Na orla do habitual círculo já referido, formado por um cordão constituído por uma série de triângulos sucessivamente ligados uns aos outros, mas ao qual falta quase metade:

†·D·INMEGICA†

o que desenvolvido se lê:

I(n) D(e)i N(o)m(ine) Egica r(e)x

Reverso: no campo, o monograma de Ispali, ou Ispalis, lendo-se o S duas vezes. Note-se, ainda, que o dito S é retrógrado:



Legenda:

† INIDINNEVVITTIZAP†

ou seja:

In i D(e)i N(omi)ne Wittiza r(e)x

Segundo Miles ⁽²⁾ classificamos este triente como sendo do tipo 13f; corresponde ao n.º 480(d), do *Corpus*.

O outro triente (E. I Fig. 5 a 8) foi encontrado no mesmo cemitério, e na mesma data, como dissemos, mas noutra sepultura. Está relativamente bem conservado; falta uma pequenina porção do bordo; parte da orla foi batida, desaparecendo aproximadamente metade do cordão envolvente da legenda. Esta lê-se perfeitamente embora parte de algumas letras esteja um pouco safada.

Módulo — 1,9 cm.

Peso — 0,9 cm.

Anverso — O busto do rei à direita. Nesta «modernidade» que apresentam as figuras dos reis visigodos nas suas moedas, a que aqui

⁽²⁾ G. C. Miles, *The Coinage of The Visigoths of Spain Leovigild to Achila II*, ed. The American Numismatic Soc., New-York, 1952.

vemos é das mais curiosas: direi mesmo, «picassiana». Repare-se no tratamento dado à cabeça: contornada por uma série de pontas, dispostas em linha à maneira de crista. Pode pensar-se, no primeiro relevo, na representação do cabelo; mas o círculo que se vê a meio da cabeça, à altura da orelha, leva-nos a imaginar que o rei tem uma coroa na cabeça. Por outro lado, na figura não se sugere, sequer, o pescoço, pois a cabeça assenta, directamente, em um quadrado formado por segmentos de cordão iguais aos que se vêem, com nitidez em muitos trientes contornando, por exemplo, a orla da moeda, como neste mesmo triente e também no anteriormente descrito. (E. I. Fig. 1 a 4).

Legenda —

IDINMNEVVITTISA 

isto é:

I(n) D(e)i N(o)m(i)ne Vittisa r(e)x

Reverso —



a cruz sobre três degraus; em baixo, três pontos.

Legenda — Dentro do círculo:

CORDOBAPATRICIA

Aplicando aqui também o *Corpus*, de Miles, classificamos este triente como sendo do tipo 2bb; incluímo-lo no n.º 504.

As duas moedas são, praticamente, contemporâneas; a primeira foi cunhada entre 700 e 702; a segunda, entre 702 e 710. No entanto, a datação de cemitério visigótico da Herdade da Pipa só deverá ser estabelecida depois do estudo (se é que não está feito) dos materiais

guardados no Museu de Beja, para onde foram enviados pelo seu proprietário, como a seu tempo dissemos.

ANOTAÇÕES A MOEDAS VISIGÓTICAS JÁ PUBLICADAS:

Pelos motivos expostos, daremos à estampa notícia sobre moedas visigóticas já publicadas, mas que o foram em lugares de expansão restrita; ou então, para acrescentarmos qualquer nota sobre a numisma que por qualquer motivo seja justificável.

Triente de Viterico — Publicámos no Boletim da C. M. de Vila Franca de Xira, em 1972, uma notícia sobre o seu achamento, bem como o de outras peças arqueológicas.

Surgiu na terra quando cavavam uma vinha na Quinta da Amendoeira, freguesia da Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira. Está guardado no Museu Municipal desta vila. É um triente de Viterico (E. II, Fig. 1 a 4) e foi batido em Mérida. O reinado de Viterico pouco durou: de 603 a 610.

Módulo — 18 mm.

Peso — 1,55 gr.

Anverso — Busto emeritense; corresponde ao tipo 8c, de Miles.

Legenda — Dentro de um círculo, formado pela sucessão de uma série de triângulos em fila:

† VVITTERICVZRE †

notar que o S é retrógrado.

Reverso — Campo — Busto emeritense; corresponde ao tipo 7, de Miles.

Legenda — Cordão na orla bastante ou completamente safado:

† EMERE|T|APIVS

Segundo o *Corpus*, de Miles, classificamo-la no número 143 (e); só difere pelo facto do S da legenda, no anverso, ser aqui retrógrado, ao contrário do registado por aquele autor.



A curiosidade que nos despertou este triente foi-nos revelada pela ampliação que dela mandámos fazer, o que de resto é hábito nosso antes de estudarmos estes numismas.

Os dois bustos do rei, mesmo sem qualquer aumento, se vê serem bastante diferentes do anverso para o reverso; essas diferenças ainda ressaltam mais na ampliação, pois aqui evidenciam-se outros elementos para sobre eles nos debruçarmos.

A cabeleira, do mesmo tipo de ambos os lados, é no entanto maior no anverso: vem até mais abaixo nesta face da moeda do que no reverso. No anverso o rosto da figura é mais estreito e termina por uma comprida barba acabando em ponta. Não é costume aparecer a representação da barba na effigie dos reis visigodos; sòmente no triente de Sisenando (631-636), cunhado em Mave (Gallaecia), ela nos aparece evidente (tipo 12 d, de Miles). No anverso do triente de que vimos tratando, o mento não tem este apêndice.

No anverso vê-se uma tonalidade mais escura no centro da superfície do globo ocular; mas não se pode comparar esta particularidade com a do lado oposto. Estes pormenores devem ser mais casuais do que intencionais, pois em um pequeno ponto, à altura do mento, a parte central também é mais escura, tal como igualmente se vê em um ponto na parte inferior do anverso. Por estes pormenores estarem salientes, talvez tivessem sido desgastados na parte mais em evidência, desaparecendo assim o ouro que os recobria, como se de uma moeda forrada se tratasse. No entanto não podemos garantir que as coisas assim se tivessem processado.

A representação do pescoço, muito delgado e alto no anverso, mostra aqui, na parte inferior, um botão com um ponto central. No reverso, praticamente não se vê o pescoço; de resto, estaria encoberto pela barba.

A moeda aparece estalada nesta área sòmente, e a meio: a fenda daí resultante passa, precisamente, pelo pescoço.

Indicámos o tipo 8c para o anverso; mas devemos fazer notar que em Miles, o pescoço está representado por duas linhas divergentes enquanto aqui se vê, sòmente, uma única linha (ou cordão) e vertical.

As diferenças entre os dois bustos são mais do que evidentes no tórax. No anverso ele é limitado por uma como que fita; esta descreve um meio círculo, contornando os dois lados e a parte inferior. Em cima o tórax é marcado por uma linha curva, de convexidade inferior. Ela forma um ângulo com as pontas do semi-círculo: estes ângulos são os ombros; mas deles não saem os membros superiores. A meio do tórax há uma linha vertical a delimitar dois campos: em cada um deles pode pensar-se ver a representação de um seio, com o respectivo mamilo! Esta interpretação só poderia ser tomada como simbólica; de outra forma seria insólita. No reverso é tudo diferente. O tórax é, praticamente, rectangular, delimitado por linhas rectas a um e outro lado; terminam em cima, pelos ombros, bem diferenciados. Há também aqui uma linha vertical a meio e, nela, vão fixar-se cinco linhas transversais paralelas entre si; descrevem um ângulo obtuso, com vértice voltado para baixo. As que saem dos ombros podem representar os membros superiores: mas descem muito, cortando a legenda. No anverso não há, como dissemos, o menor traço a marcar os membros superiores. E assim se depreende, pelas descrições dadas, tratar-se de bustos completamente diferentes um do outro.

Na numismática visigótica aparecem outros trientes com o rei representado nas duas faces; mas algumas são, ao menos, parecidas no tratamento das cabeças e no da indumentária. É o caso, por exemplo do triente visigótico de Recaredo ⁽³⁾ encontrado em Rio de Loba (E. II, Fig. 5 a 8) e que aqui juntamos só por aquele motivo. É certo não serem as cabeças do rei minuciosamente iguais, pois a do anverso é mais estreita e alta que a do reverso: mas a indumentária de um lado sobrepõe-se completamente à do outro. Dadas as fantasias visigó-

⁽³⁾ J. Coelho, *Triente visigótico de Recaredo*, rev. *Beira Alta*, Viseu, s.d., n.º 1, pág. 39.

ticas, neste capítulo, nada custa a crer terem pretendido representar aqui a mesma pessoa (4).

Quanto à nossa moeda de Viterico, o caso é diferente. Naturalmente não podemos garantir que a figura representada no anverso seja a de uma mulher, a da rainha, pois até na legenda desta face se lê «Wittericus». Mas vistas as coisas por outro lado: se tivesse havido a intenção de representar a rainha, não estaria ela assim suficientemente marcada pela face imberbe e mais pequena que a do reverso, um barbudo; pelo tamanho maior da cabeleira; pelo tórax mais largo e curto; os ombros mais arredondados; enfim, pela simbolização dos seios?

Esta ideia de na mesma moeda aparecer representado o busto do rei e o da rainha já foi marcada há mais de um século por C. Piot, seguido em 1852 por Meynaerts, conforme nos diz Elias Garcia (5) ao fazer comentários sobre um triente de Chindasvinto. É que nele viu, o nosso erudito numismata, a quem o estudo das moedas visigóticas tanto deve, um caso semelhante a este de que vimos tratando. Para a tese da rainha trouxe-nos ali uma achega; recorda-nos o facto do rei Chindasvinto ter tido uma grande ternura por sua mulher, a rainha Recinerga, precocemente falecida aos vinte e dois anos depois de ter estado casada sete: e daí o ter o rei mandado cunhar trientes com as effigies da rainha e a sua.

Quanto à figura do reverso, idêntica à da nossa moeda, seria ela, para Elias Garcia, e sobre isso não pode haver dúvidas, a do rei: para o ilustre numismata estaria ele em pé, pois o corpo atravessa a legenda, o que era contra o costume.

Ainda não estamos suficientemente convencidos ser a figura do anverso, a da rainha, pelo seguinte motivo, além de não ser esse o hábito. O rei Viterico era arriano; foi um ambicioso inquieto; era

(4) Em nota à margem, sobre esta moeda de Recáredo, diremos ter-nos sempre intrigado a figura, em semicírculo, que envolve a cruz sobreposta à cabeça do rei: dada a terminação nas pontas que aparecem engrossadas, não teria sido inspirada no torques, símbolo da autoridade, aliado à cruz, que levaria a protecção divina ao rei?

(5) A. Elias Garcia, *As moedas visigódas de Lamecum*, Castelo Branco, 1939, p. 12.

«vigoroso na arte da guerra», não obstante sem vitórias (6), segundo escreveu St.º Isidoro. Antes de ser rei tomou parte na revolta organizada na Lusitânia por Sunua, bispo também arriano; os condes Segga e Viterico (o futuro rei) eram os seus principais partidários. Para este facilitar a sua subida ao trono, mandou prender o jovem rei Liuva, depois cortar-lhe a mão para em seguida o matar. Fez guerra aos Bizantinos, então instalados em Sagunto e numa larga faixa no sul da Península: mas uma vez entrado na cidade foi logo obrigado a sair. Procurou alianças com os reis da Borgonha, e da Lombardia, mas sem sucesso. Casou a filha, Herminberga, com o rei franco Teodorico; este recebeu-a, aceitou o valioso dote que ela levava consigo, mas um ano mais tarde o casamento ainda não se havia consumado. Teodorico acabou por devolver a filha ao pai, mas ficou com o dote. Apesar de tudo isto Viterico teve epítetos de *Pius* e *Justus*! É então possível que com tal *curriculum* quisesse mostrar-se ao seu povo e principalmente aos cortesãos, diferente do que de facto era. E assim apareceram as duas effgies nas moedas de ouro: uma, a do anverso, com couraça de guerreiro; outra, a do reverso, em traje real. A questão da barba seria agora mais difficil de resolver, se é que de barba se trata; mas aceitando o que parece evidente, poderia ela representar o rei noutro período da sua vida, em que usasse tal apêndice.

Antes de concluirmos estas notas, chamamos a atenção para o aspecto engranitado das superfícies livres da moeda.

O último triente desta série, é de Egica (687-702); foi batido em Toledo. Apareceu no Mascarro, herdade situada no concelho de Castelo de Vide e pertencente a Eleutério Transmontano. Não temos outros dados sobre o achamento do numisma. Aquele senhor ofereceu-o à actual proprietária, a Dr.ª Maria da Conceição Monteiro Rodrigues, que o incluiu na sua tese de licenciatura, por nós orientada, e permitiu-nos, depois, a sua publicação.

O triente está em parte fendido e falta-lhe um pedaço da orla (E. III, Fig. 1 a 4).

(6) St.º Isidoro — *Historia de regibus Gothorum*, 58.

Módulo — 2,0 cm.

Peso actual — 1,3 gr., o que não pode corresponder ao peso original da moeda, por lhe faltar o fragmento já referido.

Anverso — Busto de perfil, à direita; o antebraço direito dirige-se para o ceptro, que a mão muito estilizada segura; o ceptro é rematado em cima por uma cruz patada e está ligeiramente inclinado para diante. Entre a cruz e a coroa do rei, uma figura que não tem sido classificada: talvez uma flor, ou uma pomba.

O busto é do tipo 2 gg, de Miles.

Legenda

✠N✠PNMEGICAP✠YR

desenvolvida, lê-se:

(I)n XP (monograma de *Christus*, em grego) n(o)m(ine) Egica r(e)x Vi(cto)r.

Este epíteto, *victor*, tem sido relacionado com a vitória do rei sobre Siseberto, metropolitano de Toledo, facto que ocorreu no 5.º ano do seu reinado.

O uso do monograma grego para designar Cristo, numa moeda visigótica, num reino latinizado, é mais um exemplo da influência bizantina no ocidente, não só neste campo da igreja (não esqueçamos os bispos e outros sacerdotes «gregos»), como no da arte, do direito, do comércio, dos costumes, etc.

Reverso —



a cruz sobre três degraus, tudo dentro do círculo de triângulos junto à orla, formando como que uma corda.

Legenda —

✠TOLETOPIVS

Pela descrição que acabámos de fazer, incluímos este triente no n.º 436(i), do *Corpus* de Miles.

Soube do aparecimento de outro triente encontrado na mesma área do anterior; estava muito mal tratada e desapareceu.

ABSTRACT

Two as yet unknown visigothic *trientes* are described; one of Egica-Vitiza, and the other of Vitiza. Both were found in a cemetery of the visigothic period, located in the municipal area of Serpa (Alentejo, Portugal).

The A. then considers a *triens* of Viteric, coined in Merida and found at Vila Franca de Xira (Ribatejo, Portugal). The obverse shows a well-known bust of feminine aspect, while the reverse shows a different, masculine figure, as was to be expected. The A. believes that, as has been suggested, the obverse may represent the queen, by the hair, face, type of thorax and probable outline of the breasts; the reverse would represent the king, with beard. This coin was reported by the A. in a local publication.

Finally, the A. reports the existence of a fourth *triens* this one from Egica met in the municipal area of Castelo de Vide (Alentejo). It was been mentioned in a dissertation for the MA degree, but deserves to be more widely known.

The description of the coins is accompanied by four photographic reproductions of each: two in actual seize and two enlarged.



Fig. 1 a 4 — Triente de Egica - Vitiza (Ispalis); Fig. 5 a 6 — Triente de Vitiza (Cordoba)



Fig. 1 a 4 — Triente de Viterico (Emereta); Fig. 5 a 8 — Triente de Recaredo (Tirasona)



Fig. 1 a 4 — Triente de Egica (Toledo)